

Em torno da *Crónica da Província de Nossa Senhora da Soledade* de Fr. Francisco de Santiago

A N T Ó N I O D E S O U S A A R A Ú J O

CEHR

Resumo: Apresentamos uma breve reflexão acerca da génese e da relação entre dois manuscritos, ambos de autores franciscanos e ambos contendo o segundo tomo da *Crónica da Província portuguesa de Nossa Senhora da Soledade da Ordem dos Frades Menores da Regular Observância*: o manuscrito de Fr. Francisco de Santiago, datado de 1762 e publicado em edição fac-similada em 2009; e o manuscrito de Fr. Manuel da Mealhada, concluído em 1789. São também apresentados alguns traços biográficos de Fr. Francisco de Santiago.

Palavras-chave: Franciscanismo, Província de Nossa Senhora da Soledade, Fr. Francisco de Santiago, Fr. Manuel da Mealhada.

Abstract: *This text presents a brief approach on the genesis and the relationship between two manuscripts, both from Franciscan authors and both containing the second volume of the Chronicle of the Portuguese Province of Nossa Senhora da Soledade from the Franciscan Order of the Regular Observance: the manuscript of Fr. Francisco de Santiago, dated 1762 and published in facsimile edition in 2009; and the manuscript of Fr. Manuel da Mealhada, concluded in 1789. We also present some biographical features of Fr. Francisco de Santiago.*

Keywords: *Franciscanism, Province of Nossa Senhora da Soledade, Fr. Francisco de Santiago, Fr. Manuel da Mealhada.*

Considerações sobre vicissitudes duma Obra

Há sessenta e poucos anos, publicou Fernando Félix Lopes, nas suas *Fontes Narrativas e Textos Legais para a História da Ordem Franciscana em Portugal*¹, breve notícia acerca do cronista franciscano Fr. Francisco de Santiago, lembrando que Inocêncio da Silva (*Dic. Bibl.* III, 74 e IX, 385) dele algo diz, mas com desacertos, desconhecendo as datas e locais em que Fr. Francisco nasceu e faleceu.

Enquanto cronista, Fr. Francisco de Santiago deixou-nos uma crónica da Província de Nossa Senhora da Soledade da Ordem dos Frades Menores da Regular Observância em Portugal, crónica essa em dois tomos. O primeiro tomo, *impresso* em vida do autor:

Chronica/ da/ Santa Província/ de Nossa Senhora/ da/ Soledade/ da mais estreita, e regular observância/ do Seráfico Padre S. Francisco/ do Instituto dos Descalços no Reino de Portugal,/ A qual consagra, dedica, e oferece ao mesmo seráfico Patriarca/ S. Francisco/ o mínimo dos seus filhos/ seu author/ Fr. Francisco de Sant'Iago,/ Barcellense, Ex-leitor de Theologia, Qualificador do Santo Offício,/ Con/sultor da Bulla da Cruzada, Examinador das trez Ordens Milita/res, Padre da Província da Conceição de Portugal, Ex-/ Definidor, e Chronista da Soledade./ Tomo Primeiro (vinheta), Lisboa,/ Na Officina de Miguel Manescal da Costa,/ Impressor do Santo Offício./ Anno de MDCCLXII. (1762)/ Com todas as licenças necessárias./ Vol. fol. de [XXV] ff. 952 pp.

O segundo tomo, cujo *manuscrito* permaneceu inédito até data recente corresponde à seguinte obra:

Chronica/ da/ Província de Nossa Senhora da Soledade/ Da mais estreita e Regular Observância/ do S. P. S. Francisco./ do Instituto dos Descalços/ no Reyno de Portugal./ Que ao Thaumaturgo dos Milagres o insigne Portuguez Santo António consagra, dedica e oferece seu Autor/ O P. Fr. Francisco de Santiago Barcellense Ex-/ Leytor de Theologia, Qualificador do Santo Offício, Con-/ sultor da Bulla da Cruzada, Examinador das trez/ Ordens Militares, Padre da Província da Immacula-/ da Conceição de Portugal, Ex Definidor, Chronista,/ e minimo Filho da mesma Santa Província da/ Soledade./ Tomo Segundo. / [1762]./ Ms. fol. de [XI ff.] e 621 [1] pp.

São ligeiras as alterações feitas no rosto do seu segundo tomo em comparação com o anterior. Saliente-se que enquanto o primeiro tomo é dedicado a S. Francisco, o segundo é dedicado a Santo António.

F. Félix Lopes informa-nos de que M. Civezza (*Saggio*, 558) refere que “na Biblioteca Nacional de Lisboa se conserva exemplar manuscrito do tomo II da Crónica de Fr. Francisco de Santiago”, ao que prontamente observa: “Enganou-se, possivelmente”,

1 Na revista *Archivo Ibero-Americano*, de Madrid, entre 1945-1948. Todo esse texto foi reeditado em 1997 pela Academia Portuguesa da História no I dos três volumes da sua obra científica.

para acrescentar: “O único exemplar que conheço de tal manuscrito nunca esteve na Biblioteca Nacional e pertence hoje à Província Franciscana de Portugal”².

Este manuscrito terá então ficado inédito por relatar episódios muito recentes e controversos, não tendo conseguido aprovação fora da Ordem, justifica o mesmo investigador Félix Lopes³.

Acerca de Fr. Manuel da Mealhada, continuador de Fr. Francisco de Santiago como cronista da Província, F. Félix Lopes informa que tomou hábito em 1731 e que em 1771 foi nomeado Cronista⁴, acrescentando que “servindo-se do volume inédito do seu antecessor, escreveu *Segundo Tomo da Crónica da Província da Soledade*, do qual restam dois exemplares: o autógrafa, na Bibl. Municipal do Porto, nº 1 dos ms Conde de Azevedo; e uma cópia em Braga na posse do Sr. José Gomes Cardoso”⁵, desaparecida. “Inocência Silva (*Dic. Bibl.* IX, 385) refere três exemplares, dois deles na Biblioteca Pública de Braga, onde ao presente [1945/1949] não se encontra exemplar algum”⁶.

O exemplar da Biblioteca Pública Municipal do Porto, esclarece-nos F. Félix Lopes, intitula-se:

“Coronica/ da Província da Soledade/ da mais estreita observancia no Reyno de Portugal/ Tomo II/ dedicado ao grande, e indefectivel patro/cínio de Jezus, Maria e Jozé, S. Joaquim e Santa/ Ana. Por seu Author Fr. Manuel da Mealhada” // Vol. fol de 8 ff. + 922 pp (...) Deu-lhe os últimos retoques por 1786-1789”⁷.

Este volume de Fr. Manuel da Mealhada regista dados até ao ano de 1773 e permanece inédito. Consultámos, embora rapidamente, para o observar este Ms. nº 1 do Fundo Azevedo. Segundo conclusão de Mons. José Augusto Ferreira, comunicada em postal de correio (que se vê anexo ao referido manuscrito, datado de Braga, Rua da Oliveira, 14/V/1931), ao Conservador da Biblioteca Pública e Municipal do Porto, João Gonçalves de Sousa, “o Bibliógrafo Inocência da Silva não conheceu este

2 Fernando Félix Lopes, *Colectânea de Estudos de História e Literatura I. Fontes Históricas e Bibliografia Franciscana Portuguesa*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997, p. 170-171. Félix Lopes saberia certamente informar por quem, quando e como o presente II vol. manuscrito foi detectado na livraria do antiquário José Gomes da Silva Cardoso, em Braga, e como a sua compra foi autorizada, a 30 de Novembro de 1942, pelo Definitório da Província Portuguesa da Ordem Franciscana, tendo sido concretizada, meses depois, ou seja, a 11 de Março de 1943, pela importância de três contos de reis.

3 Cf. *Ibidem*, p. 171.

4 Cf. *Ibidem*.

5 José Gomes de Matos Cardoso era livreiro de Braga, cf. Mons. José A. Ferreira, *Estudos Histórico-Litúrgicos*, Coimbra, 1924, p. 273.

6 Cf. Fernando Félix Lopes, *Colectânea de Estudos de História e Literatura I*, p. 172.

7 *Ibidem*, p. 172. A propósito diga-se aqui que Fr. Manuel da Mealhada num seu outro trabalho conservado no ADB/UM, Ms 682 com ‘Memórias do Convento dos Olivais, de Coimbra’ dá-nos, a fl. 135, a seguinte informação: “Fr. Manuel da Mealhada deu a estampa um livrinho que se intitulou Orações Panagíricas, a obra que intitulou Promptuario Histórico dividida em sete partes e com tábuas cronológicas no fim, e a que intitulou Praelibamenta ad decertationes logicales, que se queimou na ocasião do terramoto de 1755 na oficina de Miguel Manascal estando quase concluída. Tem concluído e já com as licenças da Ordem a intitulada Descrição da Terra em dois volumes grandes e a segunda parte da *Coronica da Soledade* que se anda revendo”.

volume” ... Em face disso, haveria certamente que repensar ou rever o que atrás fica dito acerca da complicada questão das cópias, autógrafos, etc.

Em conclusão: temos dois segundos tomos da Crónica da Província Soledade, prontos para publicação, mas nenhum publicado. Porquê? É o que tentaremos indagar.

Porquê dois manuscritos, ambos inéditos?

Nesta abordagem não faremos a análise codicológica e material de ambos os manuscritos. É um trabalho que requererá certamente tempo, serenidade e competência e que alguém poderá um dia fazer. Consideraremos, sim, questões de conteúdo e circunstâncias históricas em que as obras se sucederam.

Na opinião de F. Félix Lopes, o segundo tomo da Crónica da Província Soledade, da autoria de Santiago, terá ficado inédito por não haver sido aprovado fora da Ordem; o de Mealhada terá ficado inédito, suspeitamos nós, por não haver conseguido aprovação dentro dela, ou por ter ficado incompleto no que toca ao livro sobre o convento de Arrifana de Sousa (Penafiel), ou por haverem surgido indícios de tentativa de silenciamento do texto manuscrito do seu antecessor.

Percorramos rapidamente o manuscrito de Fr. Francisco de Santiago, concluído em 1762 e dividido em doze livros. No primeiro livro, ocupa-se do Convento de *Santo António dos Olivais de Coimbra*, com 50 capítulos (pp. 1-150); o segundo, de 9 capítulos, trata do Convento de *Santo António da Vila da Covilhã* (pp. 151-177); no terceiro, com 13 capítulos (pp. 177-209) ocupa-se do Convento de *Santo António da Vila de Castelo Branco*; o quarto, de 20 capítulos (pp. 210-263) é consagrado ao Convento de *Santo António do Vale da Piedade da Cidade do Porto*, ou mais rigorosamente de Vila Nova de Gaia e hospício e enfermaria de Santo António do Calvário do Porto; o livro quinto com 10 capítulos (pp. 263-285) ocupa-se do Convento de *Santo António da Vila de Penamacor*; o sexto, com 9 capítulos (pp. 285-311) trata do Convento de *Nossa Senhora da Caridade da Vila do Sardoal*; o sétimo, de 7 capítulos (pp. 312-331) ocupa-se do Convento de *Santo António da Vila de Ourém*; o oitavo, também com 7 capítulos (pp. 332-349) fala do Convento de *Santo António da Vila de Idanha-a-Nova*; o livro nono, com 11 capítulos (pp. 350-392), que transcrevemos para a *Barcelos-Revista*, dedica-o ao Convento de *N. P. S. Francisco da Vila de Barcelos* e outros da cidade e do Tamel⁸; no livro décimo de 41 capítulos (pp. 392-508) trata da nossa *Missão de Cabo Verde e Guiné*; o livro undécimo tem 12 capítulos (pp. 509-542) sobre o Convento de *Santo António da Vila de Guimarães*; o livro duodécimo de 13 capítulos (pp. 542-577) versa sobre o Convento de *Santo António da Vila de Arrifana de Sousa*, ou seja, Penafiel.

8 Cf. “A recoleta de Tamel e os Estatutos de 1695”. In *Barcelos-Revista* 2(1) 1984, p. 25-32, onde transcrevemos o texto referente à recoleta, agora convertida em *pousada dos peregrinos* de Santiago de Compostela.

Quanto à obra de Fr. Manuel da Mealhada, concluída em 1789, difere desde já na sua estrutura pelo facto de que, embora decalcada sobre o texto de Santiago, omite o convento de Arrifana de Sousa (Penafiel), embora comporte também XII livros, em resultado de haver desmembrado em dois o tratado de Santo António dos Olivais, junto a Coimbra.

A afirmação de Fr. Manuel da Mealhada, acerca de Fr. Francisco de Santiago: “Escreveu o Cerimonial que hoje se pratica na Província e a primeira parte da *Crónica da Província* e muitas obras que correm impressas”⁹ deixa-nos admirados e perplexos. E isto, pelo que silencia e pelo que oculta.

Silencia nesta passagem, sem se saber porquê, e exactamente no preciso momento em que, a nosso ver, deveria anunciá-lo e manifestar-se feliz e reconhecido por esse trabalho já conseguido¹⁰, o segundo tomo da *Crónica* de Santiago, deixado pronto para a impressão, constituído por doze livros, cada um dos quais, também com um total variável de capítulos.

Recorde-se, no entanto, que foi provavelmente de acordo com ordens superiores, e para evitar ter de denunciar posições polémicas, lembradas no segundo parágrafo deste apartado, e não propriamente por pretender “usurpar” para si direitos de autoria, que lhe não pertenciam, que o fez.

Em condições normais, não ficaria bem a Fr. Manuel da Mealhada ter optado por esta tomada de posição, a saber, a do silêncio acerca deste único exemplar original manuscrito, quando, em contrapartida, tem a preocupação de assinalar a existência manuscrita de um volume de *Consultas* ou de *Casos*, provavelmente desaparecido ou cujo paradeiro se desconhece.

Consideramos, por outro lado, em Fr. Manuel da Mealhada, absolutamente estranha a colagem avulsa, na última página de todo o texto da sua *Coronica* (deixado desorganizado, e truncado na parte final, ao omitir o convento de Santo António da Vila de Arrifana de Sousa ou Penafiel), de uma última frase: “vali-me do que deixou escripto o cronista Santiago”, dá-nos a sensação de se debater com um penoso constrangimento e remorso, de que deseja redimir-se ou penitenciar-se.

E se é isso que pretende, não saem diminuídos nem a sua ciência nem o seu carácter. Na realidade, todos sabemos que só a verdade nos liberta.

Aquelas últimas palavras parecer-nos-iam, contudo, mais sinceras, se na abertura do exemplar da sua obra – a *Corónica*, nos dissessem: “trabalhei nella asima de cinco

9 BPMP, Reservados, *Fundo Azevedo*, Ms. n.º 1, p. 662.

10 Fr. Manuel da Mealhada contudo esclarecerá antes de concluir: “trabalhei nella asima de cinco annos; busquei com desvelo os Archivos, vi e li os manuscritos antigos que pude descobrir e os Autores que nela cito, vali-me do que deixou escripto o cronista Santiago”, BPMP, Reservados, *Fundo Azevedo*, Ms. n.º 1, p. 919.

annos; busquei com desvelo os Archivos, vi e li os manuscritos antigos que pude descobrir e os Autores que nela cito, vali-me do que deixou escripto o cronista Santiago”¹¹.

Para além disso, Fr. Manuel da Mealhada oculta inteira e misteriosamente o que é que se deverá entender por *muitas obras* (de Fr. Francisco de Santiago) *que correm impressas*, já que às acima referidas, não se dignou acrescentar nenhuma outra, e acerca delas nada diz, nem quanto aos títulos, nem quanto às matérias nelas versadas, nem se foram publicadas anónimas, sob nome civil, ou sob pseudónimo, onde, em que datas e em que impressores.

Quanto a esta última alínea, somos de parecer que se poderá muito bem tratar da publicação, ou melhor, da impressão, em tiragem reduzida, de *Conclusões*, resultantes tanto das Oposições como das investigações de Fr. Francisco de Santiago, em áreas preferidas dos seus Estudos, como parece decorrer dos Estatutos da Província. Mas continuaremos a nada saber de concreto.

Uma pergunta final: terá Fr. Manuel da Mealhada evitado propositadamente concluir a sua *Corónica*, ao omitir o livro sobre o Convento de Santo António de Arrifana de Sousa, para que o seu texto não suplantasse o segundo tomo, deixado manuscrito e pronto para a edição pelo seu antecessor? É uma hipótese, em cata da verdade, pois não sabemos que responder... Blaise Pascal diria: *Le coeur a des raisons que la raison ne connaît pas ...*

Acerca da biografia de Fr. Francisco de Santiago

No rosto dos dois tomos da sua obra, há alguns elementos biográficos sobre o cronista Fr. Francisco de Santiago. Mas os AA., que o nomeiam, e os reproduzem, nem todos os souberam sempre interpretar correctamente.

Já organizámos com bastante minúcia a recolha de dados possível até ao presente para o conhecimento de Fr. Francisco de Santiago. Remetemos os interessados para os locais onde esses textos aparecerão mais desenvolvidamente editados: em *Barcelos-Revista*, em nº por anunciar; numa próxima comunicação à Academia Portuguesa da História; e na revista *Itinerarium* nº 199, Jan-Abr, vol LVI (2011), 143-192.

O que sabemos dizer é que a série de pesquisas e estudos ultimamente conseguidos sobre o cronista Santiago permitiu-nos aperfeiçoar os dados ainda provisórios, inseridos por Henrique Pinto Rema na introdução à edição fac-similada do segundo tomo da *Crónica da Província da Soledade*. Um grande salto qualitativo ficou-se a dever à generosa colaboração de um ilustre membro da Companhia de Jesus, nosso antigo conhecido amigo, confrade na Academia Portuguesa da História, conterrâneo e parente do cronista Santiago: A. Júlio Limpo Trigueiros. Assim foi possível concluir

¹¹ *Ibidem*.

que Fr. Francisco de Santiago nasceu em 1692, no início de Dezembro, em S.ta Marinha de Remelhe (termo de Barcelos). Concretamente, no lugar da Torre de Moldes, na Casa de João Gomes e de sua segunda esposa Marinha Francisca, uma família com grandes ligações na freguesia e região: a família Gomes. Foi ali baptizado, a sete do mesmo mês de Dezembro do dito ano de 1692. Iniciado nas primeiras letras certamente, quer junto da rede familiar, quer do clero local, e até com possível frequência dos frades do vizinho convento do Bom Jesus da Franqueira (Barcelos), demandou aos 16 anos a Ordem Franciscana, na Província da Soledade, em dia e mês desconhecidos, do ano 1708. Entrou no Noviciado do Convento de Nossa Senhora dos Anjos de Azurara, cujos inquéritos *de vita et moribus* e termos de tomada de hábito e profissão terão desaparecido. Poderá ter estudado em S. Frutuoso de Real (Braga) e/ou no Convento de S.to António de Aveiro, desconhecendo-se, de momento, onde, em que mês e por quem foi ordenado sacerdote. Concluiu-se que se ordenou em 1714, pois, e em atenção às suas excepcionais capacidades, já no decurso desse ano o vamos encontrar guardião no convento de Santo António de Abrantes. Daqui terá ido provavelmente fazer o seu Magistério e Leitorado de Teologia Moral (três anos) no Colégio do Convento de Santo António de Aveiro. Em finais dos anos 20 e primeiros tempos de 1730-1731 foi Comissário da Terceira Ordem da Penitência, em Barcelos, donde seguiu para Guardião de Arrifana de Sousa (Penafiel), aí exercendo, pelos anos 1733-1734, o cargo de guardião do convento de Santo António. Em 1739 requereu o cargo de Qualificador do Santo Ofício, da Mesa de Coimbra, que obteve em 14 de Janeiro de 1740, continuando todavia ali morador, na qualidade de Comissário da respectiva Ordem Terceira de S. Francisco.

Talvez tenha sido, por esta época, chamado a desempenhar por algum tempo o cargo de Procurador-Geral na Corte, em Lisboa, a partir do Hospício, à Província oferecido, em Casa do Duque do Cadaval.

Em 1743-1746, foi Definidor da sua Província da Soledade, no Provincialado de Fr. Bernardo de Avintes, havendo sido nomeado pró-ministro para acompanhar o Custódio ao Capítulo Geral da Ordem, em Bolonha, em 1746. O Capítulo seria adiado em 1747 e, posteriormente, anulado. Foi Comissário Visitador e Presidente do Capítulo da Província dos Capuchos da Conceição (1751), razão pela qual, e de harmonia com o costume, se dizia Padre da Província da Conceição. Títulos como os de Consultor da Bula da Cruzada e de Examinador das Três Ordens Militares, também os ostentou, sem sabermos nem quando, nem como lhe foram obtidos ou concedidos.

No âmbito da sua Província, renunciou a uma prestigiada guardiania, como a do convento de Santo António dos Olivais (Coimbra) para cujo cargo foi eleito no Capítulo de 11 de Outubro de 1751, sendo Provincial Fr. Manuel de Ferreira. Consta mesmo que terá rejeitado o Provincialado.

Sucedeu ao Cronista Fr. Bernardo de Avintes, quando este foi elevado a Ministro Provincial, entre 1/VI/1743 e 22/X/1746, com o qual desempenhara o cargo de Definidor.

Escreveu e publicou o *Cerimonial da Província da Soledade* (Coimbra, 1755), e a preciosa *Chronica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade* (primeiro tomo, Lisboa, 1762), além de outras obras cujos títulos e matérias se desconhecem, mas que suspeitamos tratar-se de *Conclusões*. Deixou *manuscritos* além dum volume de *Consultas* ou de Casos, o valiosíssimo segundo tomo da *Crónica da Soledade* [1762], de que se valeu o seu sucessor e confrade, Fr. Manuel da Mealhada. Este, por qualquer razão, achou por bem quase *silenciar* essa obra, inteiramente concluída e pronta para a publicação, com as autorizações dos seus Superiores Franciscanos da Província e da Ordem. Faleceu com 77 anos e quase cinco meses, a 2 de Maio de 1770, e uns 62 anos de hábito, no convento de S. Francisco de Barcelos, onde se recolheu, viveu e muito trabalhou como escritor na derradeira etapa da sua existência.

Foi um membro insigne da Província da Soledade, pelo seu zelo da Religião, pela sua singular prudência, desembaraço e expediente e pelo sua comprovada capacidade de conhecimento e saber.

A sua *Crónica*, em dois volumes, constituiu, em meados do século XVIII, uma obra preciosa e insubstituível no âmbito da historiografia da Ordem Franciscana em Portugal.

A publicação fac-similada do manuscrito de Fr. Francisco de Santiago

Por ocasião da celebração do octingentésimo aniversário da fundação da Ordem Franciscana, a Província Portuguesa da Ordem Franciscana e as Edições Alcalá, de Lisboa decidiram editar em fac-simile o segundo tomo da *Crónica* de Frei Francisco de Santiago¹², 237 anos depois de concluído, e 221 anos após a morte do Autor.

Trata-se duma edição dispendiosa, cuja leitura paleográfica, não obstante a sua bela caligrafia, acarretaria, mesmo assim certos embaraços e muitos mais agravamentos nos custos de outro tipo de edição. Fizemos pessoalmente a experiência disso, ao transcrever, como foi referido, textos referentes aos conventos da área de Barcelos ...

A apresentação, por Henrique Pinto Rema, é um texto propositadamente curto. Alguns dos dados biográficos sobre o Autor eram provisórios. Como novidade, e garantidamente seguros constavam apenas a naturalidade (Remelhe, Barcelos) e a data e local do seu óbito: 2 de Maio de 1770, no convento de S. Francisco de Barcelos.

12 Frei Francisco de Santiago Barcellense, *Chronica da Província de Nossa Senhora da Soledade*, tomo segundo, apresentação de frei Henrique Pinto Rema, Lisboa, Província portuguesa da Ordem Franciscana, Imperitura – Alcalá, 2009.

Sem tal publicação e nesta precisa data, não se teria possivelmente conseguido tão rapidamente descobrir muitos dos outros elementos fundamentais para a reconstituição segura de muitos passos da vida do simpático franciscano “barcelense”. É que tal publicação motivou diálogo, interesse e partilha de dados entre investigadores. Gerou insensivelmente uma vontade de se ir mais além, sem qualquer ordem de comando, só por intuição e vontade de se saber mais sobre um amigo e familiar: Fr. Francisco de Santiago. Afinal, *Hominis est propria inquisitio et investigatio veri* (Cícero).

A publicação desta obra permanecerá, estamos convencidos, como um marco cultural comemorativo do octingentésimo aniversário da fundação da Ordem Franciscana.